

Cara Profa. Maria Arminda, minha amiga e companheira na direção da FFLCH, Caro Professor Fernando Haddad, patrono da turma de 2018, Caro Prof. Daniel Puglia, em nome de quem cumprimento todos os Colegas Homenageados, Senhoras e senhores, meus queridos afilhados,

Edmund Wilson, proeminente historiador e crítico literário, disse que o problema de você ficar velho e ser professor, é que só os professores envelhecem..., talvez ele quisesse retratar que o professor maduro perde com frequência a capacidade de se comunicar com seus alunos. Afinal os estudantes o deixam entediado. O professor perde a paciência. Não tolera o conflito, o confronto, o adverso, o novo. Ao contrário dessa ideia, quero dizer que vocês, afilhados, me alegram, me ensinam, enfim, me comovem. Vocês confirmam minha continua tentativa de comunicação, me fazem ter certeza de que optei pela carreira certa quando aqui cheguei há muito tempo atrás.

Na verdade, este ano completei 20 anos de docência na Universidade de São Paulo e 35 de vivência na FFLCH e hoje seguramente é o dia mais emocionante de minha vida profissional e, conseqüentemente, aquele do qual irei mais me orgulhar. O convite de vocês significa muito por vários motivos, mas especificamente um me-é importante: minha aposta na humanidade, ainda que nossa realidade atual, um momento obscuro, tente nos convencer do oposto.

Assim como eu em 1984, vocês hoje gostam de literatura, de história, de política, de filosofia, enfim, das humanidades, e isso é muito estranho para muita gente, afinal a atividade intelectual característica de nossa formação não é acessível à esmagadora maioria da população cujo débito educacional só veio a se acentuar nos 3 últimos anos. E isto é uma tristeza!

Mas falemos de vocês ... é o que importa hoje...

Seria minha função agora apresentar um mundo propício para recebê-los como profissionais excelentes que vocês são. E daí me vem uma angústia negativa e uma ansiedade positiva. Ninguém nos dias de hoje pode afirmar que o Brasil está absolutamente aberto a reconhecer a importância das humanidades, já que é evidente o cerceamento a elas, com programas como escola sem partido, ou com a tentativa de deslaicizar a educação, ou com a violência contra as minorias, ou com o ataque à universidade pública, gratuita e de qualidade, ou com o armamento da população, ou com a criminalização dos movimentos sociais e isso tudo, digamos, não constitui seara tranquila para nós profissionais das humanidades.

Foi-nos pregada uma etiqueta e dela fazemos questão, em que está gravado o nosso desacordo com as políticas públicas atuais, em todos os níveis, municipal, estadual e federal, justamente por descuidarem daqueles que delas necessitam e por acalentarem o mercado que delas se valem, objetivando acumulação.

Entretanto, que diante da imposição de uma força aviltante sobre a sociedade, irá ocorrer uma reação em igual medida em sentido oposto e, dessa forma, a formação de profissionais sólidos e competentes em humanidades, como vocês, é um mister para uma sociedade como a nossa, de sorte que, paradoxalmente, se a realidade não nos é propícia, de nós apenas depende a sua transformação. Vocês são sua força vital, são sua capacidade de mudança, e a sua formação intelectual é algo fundamental para que nosso país possa se gabar do cuidado dispensado a crianças, adolescentes e jovens, a idosos e a mulheres, a LGBTs, a pretos, pardos e indígenas, enfim a todos nós.

Bem, por um instante, procuremos nos afastar dessa triste, mas instigante situação e vamos pensar sobre o que vocês vão encontrar no mundo do trabalho. Mesmo que 36 anos me afastem do meu ingresso nas atividades profissionais, quero crer que vocês devem ter consciência que para qualquer uma das suas alternativas de trabalho, vocês levam larga vantagem sobre outros ingressantes. A USP, mesmo que combatida financeiramente, com grandes dificuldades estruturais, com salários defasados, ainda é referência importantíssima. Vocês sabem que nos inúmeros rankings internacionais e nacionais a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas está em ótima posição, seus cursos são os mais bem avaliados no Brasil, seus professores respeitados no exterior e os meus colegas homenageados aqui representam o que há de melhor nas humanidades.

Lembro-me de que 1 mês antes de estar formado, já estava no mercado de trabalho e já tinha me inscrito na pós-graduação, portanto, posso dizer que a FFLCH me deu tudo do que precisava profissionalmente e isto sem falar de minha família, aqui conheci minha companheira, um dos meus filhos já passou pela nossa Faculdade e torço que os outros 3 também passem pela USP. Mas meu exemplo pode não atender a muitos de vocês já que nem todos pleiteiam ao magistério e à pesquisa. Acontece que no mesmo período em que me formei muitos colegas meus foram para a imprensa, outros para a publicidade, alguns para o Itamarati, outros tantos para empresas, muitos resolveram fazer um novo curso na USP, pois acreditavam terem se formado cedo demais e vocês são realmente muito jovens...

Em qualquer uma das atividades, saibam que sua juventude e seu frescor são combustíveis essenciais, deles advém a alegria de viver intensamente, não só sob a perspectiva profissional. Por fim, gostaria de falar uma coisa a esse respeito e parto de mais uma experiência pessoal. Sempre fui muito alegre e isso jamais me foi tolhido, afinal a alegria de viver é fundamental.

Quando entrei na USP, ficava pensando comigo mesmo e com alguns colegas, hoje professores das Letras e da Filosofia por que haveria o apagamento da alegria diante do rigor científico? Explico: parecia que para você ser um pesquisador, um professor universitário, a alegria deveria estar afastada, como se não houvesse possibilidade de ser um bom profissional e ser diuturnamente alegre, como se a alegria obturasse o conhecimento. A constatação de que ao profissional sério, o sorriso e a felicidade não são franqueados é dos maiores absurdos que já observei aqui na USP. Assim tanto meus amigos como eu mesmo aderimos a essa nova maneira de ser: a de que alegria está acima de qualquer coisa. Tenham certeza de que, principalmente quando os tempos são difíceis, a luta é dura e os adversários multiformes, a alegria deve ser a luz que orienta suas decisões.

Afinal escreveu um dia Shakespeare, em *Henrique VI*: “os homens sábios não se sentam e lamentam sua perda, mas alegremente buscam como corrigir os danos feitos”.

Bem creio que esse homem representa vocês!

Boa sorte a todos,

Muito obrigado!